

PERCEPÇÃO

Karoline Zenaide Bet
Felipe Caldas

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

APRESENTAÇÃO

Perceber a arte pode ter inúmeros significados, mas um dos mais fundamentais é perceber o mundo que nos cerca. Analisar as propriedades de uma imagem, sua figura, fundo e principalmente simbologias, faz com que caminhemos por experiência individuais, que nos formam culturalmente. Sondar sons ao redor, faz com que percebamos que não estamos sozinhos e que a música é o conjunto de sensações. Examinar o corpo que somos caminha no limiar de esquecer que temos um corpo. O automatismo do dia a dia leva-nos a não perceber a arte. Para alunos e professores de arte cabe fornecer possibilidades, sermos um campo de percepções, considerando que os educandos já trazem sua cultura e precisam ainda mais aprofundá-la e conhecê-la para que se sintam inseridos no mundo que os rodeia.

É necessário permear, entrar, seguir em frente, analisar e perceber o cotidiano das pessoas, das coisas, e da arte!

Segundo o livro *Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*, “Cada um de nós, combinando percepção, imaginação, repertório cultural e histórico, lê o mundo e o representa a sua maneira, sob o seu ponto de vista, utilizando formas, cores, sons, movimentos, ritmo, cenário [...]”. (MARTINS, 1998 p.57). Assim a visão de cada indivíduo, para determinadas situações artísticas é diversa, no entanto faz-se necessário o conhecimento da organização e de vivências das experiências para que o avanço no processo de percepção ocorra com consistência e consciência.

O sujeito internaliza e apropria-se de conhecimentos, experiências e vivências de uma maneira sistêmica, atingindo todas as esferas humanas. Conhecer-se, identificar os sons, as imagens, perceber o que está ao redor, com Martins afirmamos que: “[...] toda linguagem é um sistema de representação pelo qual olhamos, agimos e nos tornamos conscientes da realidade [...]”. (MARTINS, 1998, p.37).

UM MUNDO CHEIO DE IMAGENS

Torna-se inegável que as cidades são, cada dia mais, bombardeadas por uma infinidade de imagens que, na grande maioria das vezes, querem vender algo, mesmo que este algo não seja necessário. Ao correr os olhos sobre o parágrafo acima você, enquanto leitor, construiu na mente uma imagem para a palavra imagem. Talvez isso soe confuso, mas temos por costume, durante as leituras, relacionar as palavras apresentadas no texto com imagens que fazem parte de cotidiano. Sim, se neste texto você ler a palavra casa, sua mente a relaciona com uma imagem/código referente a ela.

Acalme-se leitor! Não falaremos sobre semiótica, nem mesmo sobre as teorias dos signos de Pierce. Veremos uma ou outra ideia deste autor no texto, mas o conteúdo central é compreender que o mundo contemporâneo nos cerca de imagens, das quais não conseguimos fugir. E agora, o que fazer?

Ao sair de casa pela manhã e percorrer alguns quilômetros até o trabalho, você se depara com inúmeras imagens. Dessa forma é inegável que, seja numa postura de produtor ou observador, somos submetidos diariamente a imagens.

A princípio essas imagens causam certo medo e até mesmo uma sensação de impotência frente ao bombardeio, mas o que desejamos aqui é uma compreensão de que analisar imagem faz parte do que somos e que expressar juízo de gosto e de valor baseados em imagens já se tornou algo comum na sociedade.

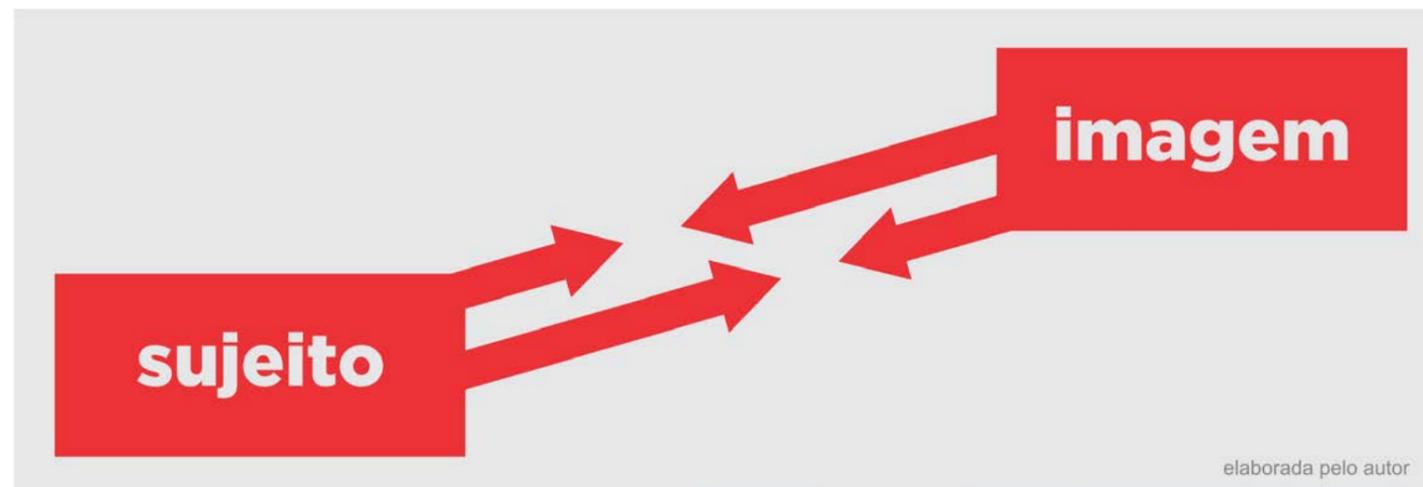
Discutimos, pois, o conceito daquele que é o objeto do estudo, a imagem. Esse termo tem inúmeros significados, Para resumi-los em: imagem são dois pontos se torna claramente impossível. Mas apesar de todos os significados possíveis para este objeto de estudos, compreendemo-lo. Assim sendo, saber que ela designa algo que vai além do visível pode ser fundamental neste processo de definição. Foucault afirma:

A imagem seria uma porta (ou uma ponte) para outras imagens, uma espécie de trajeto a ser percorrido por aquele que olha. A ela cabe suscitar um acontecimento que transmita e magnifique o outro, que se combine com ele e produza, para todos aqueles que vierem a olhá-lo e para cada olhar singular pousado sobre ele, uma série ilimitada de novas passagens. (FOUCAULT, 2001, p.352)

Dessa forma compreendemos que uma imagem não é por si só tal acontecimento, visto que nossa compreensão acerca do conteúdo latente da imagem, e até mesmo das memórias que se relacionam com ela, depende, em sua grande maioria, de nossa interpretação, seja esta racional ou sensitiva.

Foucault nos apresenta uma complexidade presente nas imagens, que é a relação entre aquilo que é visível e aquilo que é invisível, compreender os acontecimentos que derivam das imagens. Dessa forma negamos o domínio da imagem como fonte de um todo, para compreender a relação que se estabelece num trânsito entre imagem e espectador.

Para melhor assimilar, vejamos a tabela a seguir:



Dessa forma entendemos que, tanto a imagem quanto o sujeito, enviam informações nesse processo de compreensão do conteúdo latente da imagem. Mas por que motivo isto acontece?

Veja a imagem a seguir:



Num processo de criação artística, as vivências, as experiências, o contexto histórico são fatores determinantes neste fazer. Segundo Georges Didi-Huberman, (2013) colocando-nos diante da imagem, posicionamo-nos diante do tempo, e mesmo que por alguns instantes podemos permitir nosso presente ser tragado pelo passado. Mas também diante da imagem, temos o poder de configurá-la, pois ao analisá-la, o fazemos por meio da ótica presente.

Assim sendo, a percepção de uma imagem, ultrapassa o objeto produzido e estabelece uma conexão entre artista-obra-sujeito, num triângulo ativo de informações e memórias.

Ao nos depararmos com uma imagem, seja ela artística ou não, ela é compreendida por meio das experiências vividas enquanto sujeito observador. E dessa forma transferimos a ela significados pautados nestas experiências.

Observe a imagem a seguir:



Café da manhã das crianças.

Albert Samuel Anker

Ano: 1879

Após a observação, busque em sua memória, momentos que sejam similares ao exposto na obra do pintor Albert Anker. Isso se torna possível por conta dos processos de memorização inerentes ao ser humano. O processo de memorização apresenta quatro fases recepção, codificação, consolidação e recuperação.

Recepção é a captação de estímulos sensoriais das informações provenientes do ambiente. Essa captação acontece, na grande maioria, no campo do saber sensível e tem muito a ver com a forma com que nos sentimos em determinadas situações ou espaços. Um exemplo é o desconforto que sentimos ao tomar um choque elétrico por inserção de algum material na tomada.

A segunda fase é a codificação dos estímulos sensoriais quando o cérebro organiza as informações e as codifica. Não recordamos de todas as vezes que tomamos um choque elétrico, mas certamente lembraremos daquela sensação de trepidação do corpo frente a uma corrente de energia.

A terceira fase é a consolidação, o momento em que acontece a memorização, o armazenamento propriamente dito. E por último, a recuperação, que se dá de forma espontânea ou por algum estímulo, seja ele uma imagem, som, situação vivida e até mesmo cheiros e sabores.

Dessa forma, apesar de não vivenciarmos um café da manhã tal qual a imagem acima, ela tem a potência de fazer recordar, de forma estimulada, situações, sejam elas boas ou ruins, relacionadas ao momento. Alguns até sentem aquele cheiro único de café que invade uma casa fria durante uma manhã de inverno.

Com essa alegação, reafirmamos a figura número 1, pela qual se compreende que a interpretação de uma imagem se dá por meio de uma relação composta entre as informações contidas na imagem em junção com as informações contidas no sujeito espectador.

Vejamos outro exemplo, ouça os áudios dos vídeos abaixo e siga as instruções para um maior realismo na experiência.

Ouvir apenas com fone de ouvido. Sugerimos os olhos fechados para maior potência de experiência.

Vídeo: *Holophonics*

Vídeo: *Corte de Cabelo Virtual*

Diferentemente da relação entre imagem e experiência, realizada no exercício acima, dessa vez o som se apresenta com um forte potencial para suscitar memórias.

Dessa forma compreendemos que os sentidos, base da percepção humana, influenciados por estímulos externos, ativam recordações que são fundamentais no processo de construção do conhecimento.

OS SONS AO NOSSO REDOR

Estudiosos como Schaffer e Wisnik dizem que a música é uma forma de linguagem e que devemos segui-la com o mesmo intento do desenvolvimento das outras linguagens, como visualidade e palavras. É notável que a música influencia no pensamento e nas ações de um grupo. *Slogans* e gritos de guerra, os sons das ruas, da vida, os que emanam do do indivíduo podem se tornar música, catalisar emoções, sintetizar ruídos agrupar sonoridades que são vistas.

Quantas sensações os sons provocam em nós? Quantas vezes os associamos a algo que já vivemos ou que vimos? Às vezes é o som que leva a viajar pela memória, ou então a pensar por que algumas melodias nos deixam tristes ou alegres. O fato é que não existe apenas uma forma de ouvir!

Acalme-se o restante deste texto não é tão denso quanto parece, mas prepare-se por que aqui nem tudo que parece é!

SONS E RUÍDOS

Pois bem, para pensar sobre música e sua percepção é importante que tenhamos em mente que trabalhamos os sons em sua essência e, portanto, é importantíssimo compreender os termos som e ruído. Para abordá-los seguimos dos estudos desenvolvido por José Wisnik.

Wisnik (1989) coloca o ruído como um som desorganizado e afirma que o som e o ruído formam a música. O ruído, de jeito algum, deixa de ser um som, porém consideramos um som o que é organizado, enquanto ruído é aquele que ouvimos quando estamos mudando de uma estação de rádio, arrastando um móvel de lugar, quando deixamos a torneira pingando, ou simplesmente os sons dos pingos da chuva. Por outro lado, quando sintonizamos uma estação de rádio este ruído entra em uma outra frequência, mais organizada considerando-a som. Ainda sobre a concepção de ruído este também depende da pessoa que houve, pois para mim um *show* de rock pode ser som organizado para outros pode ser sons desorganizados. Em geral o ruído é chamado do o som do mundo e um único som afinado, música: uma ordenação do mundo, de modo que projeta o fundamento do universo social.

Abaixo você pode conferir dois sons de frequências sonoras diferentes e as ondas sonoras que por eles são produzidas:



Som (clique para iniciar)



Ruído (clique para iniciar)



Como é perceptível, os sons são mais agradáveis, enquanto o ruído é mais instável e, possivelmente, mais desagradável. No entanto, o que transforma os sons em agradáveis ou não é a maneira como nos relacionamos com eles.

Apontado por Mendes, “[...] música é um veículo que desenvolve potencialidades do indivíduo como a capacidade de concentração, a habilidade motora, a percepção auditiva, a capacidade criativa etc.” (MENDES, CUNHA 2001, p. 84). É interessante repensar os reflexos do que determinados grupos culturais ouvem em seus costumes, pois a música, torna possível a abertura de caminhos para a existência de um mundo imaginário, mas dando um limite e estabelecendo parâmetros e laços com a realidade.

Os sons são emissões pulsantes, que são por sua vez interpretadas segundo os pulsos corporais, somáticos e psíquicos. As músicas se fazem nesse ligamento em que diferentes frequências se combinam e se interpretam porque se interpenetram. (WISNIK, 1989, p.19).

Segundo as reflexões apontadas por Wisnik, hoje, o indivíduo liga e desliga as sensações causadas pelo som, pois ao ligar um aparelho e ouvi-lo não significa obrigatoriamente compreendê-lo. É interrompido a qualquer momento e contrapõe-se, por exemplo, a qualquer outro ruído, levando em consideração a preferência e a importância dada às combinações entre as notas e os resultados sonoros particulares, decorrendo em uma composição melódica, com a combinação de ritmo, canto e dança que reforça

esta noção circular de um tempo. Então imaginar uma forte relação entre sentimentos e linguagem musical, segue o princípio de que qualquer ruído é som.

OS SONS COTIDIANOS

A percepção sonora é uma das possibilidades para desenvolver a sensibilidade de leitura do mundo, tão necessária à formação humana. Como identificar o som, o ruído, o silêncio nesta imensa diversidade sonora do mundo que nos cerca? A este respeito, Schaffer (2001) coloca que:

Esses novos sons, que diferem em qualidade e intensidade daqueles do passado, têm alertado muitos pesquisadores quanto aos perigos de uma difusão indiscriminada e imperialista de sons, em maior quantidade e volume, em cada reduto da vida humana. (SCHAFER, 2001 p.17).

Analisando a vasta diversidade sonora que nos envolve diariamente (ruídos de carros, aviões, indústrias, sirenes, etc.), faz-se necessário limpar os ouvidos, expressão utilizada por Murray Schafer para apontar que é necessário nos colocarmos em um estado de atenção, direcionando a audição para o que queremos ouvir, pois a imensidão sonora, impede a percepção dos sons e suas qualidades. A preocupação de Schafer está em fazer com que identifiquemos nesta nova paisagem sonora mundial, outros elementos não familiares e, portanto, imperceptíveis aos ouvidos, tornando-se necessária a limpeza de ouvidos para conviver com este cenário sonoro visual.

Para Oliveira, os conhecimentos das sonoridades partem das possibilidades de investigação sonora, da análise dos sons, observando o ruído do som de um carro e analisando que ele pode ser mais grave que o miado do gato, por exemplo. Diante disto Oliveira coloca que:

Todos os aprendizes devem ter a oportunidade de crescer no conhecimento musical. Devem desenvolver habilidades e apreciação de forma que estas desafiem as suas mentes, que estimulem as suas imaginações, tragam alegria e satisfação as suas vidas [...]. (OLIVEIRA, 2006, p. 26,27).

O mundo tem inúmeras paisagens sonoras que não são consideradas fenômenos abstratos, mas ocorrência a ser estudada. Nas palavras de John Cage “A música são os sons a nossa volta.” (*apud* SCHAFFER, 2001, p.239). Com a revolução industrial, ocorreu o aumento do ruído que nada mais é que um som irregular (WISNIK, 1989), ou também o que Schafer define como um som que interfere no que queremos ouvir.

Para aprofundar ainda mais os conceitos de Schafer assista a entrevista.

Vista a proposta de conscientização sonora, é possível perceber inúmeras possibilidades sobre uma ação, observando a riqueza sonora que os objetos cotidianos trazem. Pensar a música a partir dos sons circundantes possibilita provocar os sentidos sob diversas intensidades e outros olhares sobre seus materiais.

PAISAGEM SONORA

Inicialmente Schafer define paisagem sonora como “O ambiente sonoro. Tecnicamente, qualquer porção do ambiente sonoro vista como campo de estudos.” (SCHAFFER, 2001, p.366). Do ponto de vista prático, são os sons que percebemos em cada ambiente e de forma objetiva, quando identificamos um ambiente, não visivelmente mas sonoramente.

Escute a paisagem sonora.

Após a leitura da parte inicial desta premissa você já deve ter percebido a relação que se estabelece entre, sons, ruídos e cotidiano. E a que ponto queremos chegar? Para que seja ambiciosa a percepção sonora é importante que os alunos se atentem às sonoridades presentes em seu dia a dia. A importância de se perceber uma paisagem sonora está no mesmo patamar de ler, compreender e interpretar um texto, pois é apenas desta forma que realmente se transforma o conhecimento em algo significativo e constante.

A vivência da experiência estética na linguagem musical pode se dar por meio da audição de gravações, sendo bastante enriquecida quando há possibilidade de assistir a apresentações musicais: grupos com formações diversas, que interpretam diferentes estilos, concertos de grandes orquestras, corais e óperas. (MARTINS, 1998, p.132).

Então para uma melhor assimilação é preciso compreender que cada um vive em diferentes paisagens sonoras, em diversos ambientes sonoros, e ao nos deslocarmos ocorre uma sensação de pertencimento dos sons que nos cercavam. Então, surge a importância de ir além da audição de produções que são oferecidos pela mídia, para perceber os sons ao redor, mesmo até porque, hoje, diversos músicos dentre eles podemos citar: o próprio Murray Schafer, Hermeto Pascoal, John Cage e o grupo Uakti, criam suas composições com sons que não são produzidos por instrumentos musicais convencionais.

Para finalizar você poderá ver e ouvir algumas composições e execuções realizadas a partir, dos conceitos abordados no texto:

Murray Shafer - *Magic Songs*

Hermeto Pascoal - *Música da Lagoa*

UAKTI - *O Trenzinho do Caipira*

REFERÊNCIAS

DIDI-HUBERMAN, Georges. Diante da imagem. São Paulo: 34, 2013.

FERREIRA, Sueli. O ensino das artes: construindo caminhos. Campinas: Papyrus. 2001.

FOUCAULT, Michel. A pintura fotogênica (1975). In: _____. Ditos e escritos. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

MARTINS, Mirian C. Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MENDES, Adriana; CUNHA, Glória. Um universo sonoro nos envolve. In:

OLIVEIRA, Alda de Jesus. Educação musical e diversidade: pontes de articulação. Revista da Abem, 2006. p. 23 - 33.

SCHAFER, R. Murray. A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: paisagem sonora / percepção. São Paulo: Unesp, 2001.

WISNIK, José Miguel. O som e o sentido. São Paulo. Companhia das Letras, 1989.